

ESTUDANTES OU OUVINTES? O PÚBLICO DAS FACULDADES DE LETRAS E CIÊNCIAS NO SÉCULO 19 (1808-1878)¹

Boris Noguès

Service d'Histoire de l'Éducation de l'INRP, França

Tradução de Maria Helena Camara Bastos

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil



Resumo

O estudo opõe duas categorias no público das faculdades de letras e de ciências no século 19: os estudantes, que desejam uma formação, e os ouvintes livres, que assistem os cursos acima de tudo por prazer. Os decretos que organizam a universidade imperial, a partir de 1808, prevêem cursos para os estudantes. Mas desde a Restauração (1815-1830), os cursos da faculdade tornam-se lugares de expressão política, de representação social ou, simplesmente, de distração e de cultura para a boa sociedade francesa que dispõe de tempo livre. Sobretudo em letras, os cursos são um espetáculo, sem programa científico nem objetivo de formação. O valor do professor é medido por suas qualidades retóricas, mais que suas capacidades científicas. Desde 1837, as críticas oriundas do próprio corpo docente aumentam contra essa situação. Essas críticas assinalam a incapacidade de tal sistema em formar corretamente cientistas e se apoiam na comparação com o estrangeiro (Londres e Turin são citados em 1840, antes que o modelo alemão se tornasse a referência, nos anos 1860). Como as autoridades não reagiram imediatamente, as práticas docentes satisfizeram em parte as carências constatadas, através da adoção de conferências fechadas ou de cursos particulares organizados por iniciativa pessoal de um ou outro professor. A orientação oficial dos cursos da faculdade é realizada progressivamente, a partir de 1855, por razões políticas (centrar o ensino sobre

¹ Tradução de Maria Helena Camara Bastos. Esse artigo foi publicado na revista *Histoire de l'éducation*, n. 120, octobre-décembre 2008, p. 77-97. A sua tradução e publicação foi autorizada pelo autor.

os conteúdos científicos evitando que as faculdades tornem-se lugares de contestação) e econômicas (a França industrial necessitava de quadros técnicos). Em 1868 é criada, a partir do modelo alemão, a Escola Prática de Altos Estudos (École Pratique des Hautes Études), que se destina aos estudantes selecionados e recusa o público exterior. Depois da derrota de 1870 para a Alemanha e a instalação da República, o governo obriga os professores a ministrar uma verdadeira formação nos cursos e generaliza para todos os estudantes inscritos as conferências e os trabalhos dirigidos que lhe são reservados.

Palavras-chaves: ensino superior, curso magistral, modelo educativo, França, século 19.

PUPILS OR LISTENERS? THE AUDIENCE OF THE FACULTIES OF LETTERS AND SCIENCES IN THE 19TH CENTURY (1808-1878)

Abstract

This study contrasts two categories of people within the audience of the faculties of Letters and Sciences in the 19th century: the pupils, who sought training, and the listeners, for whom attending the lectures was above all a leisure activity. The decrees organizing the Imperial University, in 1808, provided courses for students. But during the Restoration (1815-1830), the faculty courses became places of political expression, social representation or, more simply, entertainment and culture for the French high society who had time to waste. In Letters particularly, a course was a spectacle without a scientific program or training goals. The value of the teacher was measured in terms of its rhetorical qualities, rather than its scientific capabilities. Yet from 1837 onwards, criticism could be heard against this trend. It pointed to the inability of such a system to properly train scientists and they were based on comparison with practices abroad (London and Turin were quoted in 1840, before the German model became the reference in the 1860s). If the government did not respond immediately, teaching practices partly filled the deficiencies, through the establishment of closed conferences or private lessons, held at the personal initiative of a particular teacher. The official reorientation of the courses was done gradually, starting in 1855 for political reasons (focus education on science contents prevented faculties from becoming places of contestation) and economic reasons (industrialized France needed managerial staff). In 1868, the Ecole Pratique des Hautes Etudes was created after the German model; it was open only to selected students and repulsed the public outside. After the 1870 defeat against Germany and the establishment of the Republic, the Government required teachers to provide effective training in their courses and generalized to all students enrolled lectures and tutorials reserved for them.

Key-words: higher education, lectures, educational model, France, 19th century.

OYENTES O ESTUDIANTES? LAS ESCUELAS PÚBLICAS DE LETRAS Y LA CIENCIA EN EL SIGLO 19 (1808-1878)

Resumen

Los objetos de estudio son dos categorías en las escuelas públicas de las letras

y las ciencias en el siglo 19: los estudiantes que quieren que la formación y la oyentes libres, que asisten a los cursos, sobre todo para el placer. Los decretos de organización de la Universidad Imperial, desde 1808, que ofrece cursos para los estudiantes. Sin embargo, desde la Restauración (1815-1830), cursos universitarios se convierten en lugares de expresión política, representación social, o simplemente para ocio y cultura para una buena sociedad francesa que tiene tiempo libre. Especialmente en las cartas, los cursos son un espectáculo sin fin o programa científico de la formación. El valor del profesor se mide por sus cualidades de la retórica, en lugar de sus capacidades científicas. Desde 1837, las críticas procedentes de la propia facultad en contra de esta situación aumenta. Estos críticos apuntan a la incapacidad de un sistema para entrenar correctamente y los científicos se basan en una comparación con otros países (Londres y Turín se citan en 1840, antes de que el modelo alemán se convirtió en una referencia en el año 1860). Como las autoridades no reaccionaron de inmediato, las prácticas de enseñanza cumplido en parte las deficiencias encontradas por la adopción de conferencias cerradas o cursos especiales organizados por la iniciativa personal de uno o de otro maestro. La guía oficial de los cursos de la universidad se lleva a cabo progresivamente a partir de 1855, por razones políticas (se centran en la enseñanza de contenidos científicos en la prevención de las escuelas se convierten en sitios de impugnación) y económica (industrial de Francia necesita personal técnico). En 1868 se crea a partir del modelo alemán, la Escuela Práctica de Altos Estudios (Ecole Pratique des Hautes Etudes), que tiene como objetivo a los estudiantes seleccionados y se les niega el exterior público. Después de la derrota de Alemania en 1870 y la instalación de la República, el gobierno exige que los profesores para ofrecer una verdadera formación en cursos y se generaliza a todos los estudiantes que asisten a las conferencias y documentos que le sean dirigidas reservados. Palabras-clave: educación superior, curso magistral; modelo educativo, Francia, siglo 19.

ÉLÈVES OU AUDITEURS? LE PUBLIC DES FACULTÉS DE LETTRES ET DE SCIENCES AU 19^E SIÈCLE (1808-1878)

Resumé

L'étude oppose deux catégories au sein du public des facultés des lettres et des sciences au 19^e siècle: les élèves, qui souhaitent une formation, et les auditeurs libres, pour qui l'assistance aux cours est avant tout un loisir. Les décrets qui organisent l'université impériale, à partir de 1808, prévoyaient des cours pour les élèves. Mais, dès la Restauration (1815-1830), les cours de faculté sont devenus des lieux d'expression politique, de représentation sociale ou, plus simplement, de distraction et de culture pour la bonne société française qui dispose de temps libre. Surtout en lettres, le cours est alors un spectacle, sans programme scientifique ni objectifs de formation. La valeur du professeur est mesurée à l'aune de ses qualités rhétoriques, plus que de ses capacités scientifiques. Dès 1837, des critiques venues du corps professoral lui-même s'élèvent pourtant contre cette évolution. Ces critiques soulignent l'incapacité d'un tel système à former correctement des scientifiques et s'appuient sur la comparaison avec l'étranger (Londres et Turin sont citées en 1840, avant que le modèle allemand ne devienne la référence, dans les années 1860). Si les autorités ne réagissent pas immédiatement, les pratiques enseignantes comblent en partie les carences

constatées, à travers la mise en place de conférences fermées ou de cours particuliers organisés à l'initiative personnelle de tel ou tel professeur. La réorientation officielle des cours de faculté est réalisée progressivement, à partir de 1855, pour des raisons politiques (resserrer l'enseignement sur les contenus scientifiques évite que les facultés ne deviennent des lieux de contestation) et économiques (la France industrielle a besoin de cadres techniques). En 1868, est créée sur le modèle allemand l'École Pratique des Hautes Études, qui ne s'adresse qu'à des élèves sélectionnés et refuse le public extérieur. Après la défaite de 1870 face à l'Allemagne et l'installation de la République, le gouvernement oblige les professeurs à dispenser une véritable formation dans leurs cours et généralise à tous les étudiants inscrits les conférences et travaux dirigés qui leur sont réservés.

Mots-clé: enseignement supérieur, cours magistral, modèle éducatif, France, 19^e siècle.

Os contemporâneos de Jules Ferry, como os historiadores do século 20, pintaram um quadro particularmente sombrio do funcionamento das faculdades francesas durante o século 19. O julgamento dirige-se às faculdades “acadêmicas” de Letras e Ciências, que se opõem às faculdades profissionais de Direito e de Medicina, as quais são censuradas por propor cursos brilhantes, mas muito superficiais e destinados a um grande público, sem oferecer formação eficaz aos estudantes inscritos. Se a crítica mais dura é conduzida por uma historiografia republicana para denunciar regimes anteriores, ela é geralmente repetida pelos historiadores do século seguinte, como Victor Karady² ou Antoine Prost. Esse último estima, seguindo Louis Liard, que “[as faculdades] de letras e de ciências se contentam em fornecer juris de bacharelado³ e de arbitrar, por sua vez, as conferências mundanas”⁴. A função de formação, hoje considerada como essencial, parecia então completamente ausente.

Sem colocar necessariamente esses julgamentos em causa, gostaria de aqui reexaminar a questão das finalidades e do funcionamento dessas faculdades através de uma análise do público que elas recebem. Com efeito, tanto o conteúdo ou a forma do curso

² Victor Karady, in Jacques Verger (dir.), *Histoire des universités en France*, Toulouse, Privat, 1986, p. 310.

³ Nota do tradutor: *baccalauréat* exame final do ensino secundário francês.

⁴ Antoine Prost, *Histoire de l'enseignement en France 1800-1967*, Paris, A. Colin, 1968, p. 223.

ministrado, como o público previsto pelas autoridades ou realmente presentes nas salas testemunham, indiretamente, as funções teoricamente destinadas às faculdades como daquelas que elas efetivamente fazem. O ponto de vista expresso por Victor Duruy em 1868 ilustra a pertinência dessa relação e resume perfeitamente o problema ao qual são confrontadas as faculdades francesas durante o século 19:

Os mestres [das faculdades] se dirigem a um público que pouco varia a cada lição, e que vem para escutar durante uma hora uma preleção hábil, mas conhecida pela aridez dos exercícios puramente didáticos. Eles se preocupam em dar suas lições uma forma muito estudada [...] Essas lições elegantes, espirituais, por sua vez eloquentes, muitas vezes aplaudidas, costume que vejo sem pena desaparecer, elevando o nível da instrução geral [...]. Isso é um serviço considerável restituído ao país. Que nossas faculdades de letras continuem então a chamar numerosos auditórios, mas também nos dêem os meios de os reter nas suas cadeiras e de formar verdadeiros estudantes. O professor, se dirigindo a esses últimos, mudará a característica: o estudante, dessa forma, não pede, como o auditório de passagem, que o toque com sentimentos ou que lhe dê prazer, mas que o instrua⁵.

O autor rejeita aqui o curso tradicional que repousava sobre a performance retórica do professor, sobretudo destinada à distrair o público mundano do auditório volúvel. Ele prefere um professor menos brilhante, mas mais aprofundado, que privilegia a função de formação destinada aos jovens estritamente enquadrados no que chama “alunos”, tomando a denominação em uso no ensino secundário ou nas grandes escolas, seus modelos implícitos. Essa condenação de um modo de funcionamento herdado dos decretos de 1808 responde, na realidade, as expectativas contraditórias que atravessam desde muito tempo a sociedade como as faculdades francesas. Se Duruy é um dos primeiros responsáveis políticos a se dar conta explicitamente dessas aspirações, o

⁵Victor Duruy, Rapport préliminaire justifiant la création de l'École pratique des hautes études, 1868, dans Arthur Marais de Beauchamp, *Recueil des lois et règlements sur l'enseignement supérieur*, Paris, Delalain frères, 1880-1915, 7 vol. (também mencionado como *RLRES*), t. II, p. 747.

estudo mostra dessa forma, através de diferentes tipos de testemunhos⁶, que eles não cessaram de pesar ao longo de todo o século, sobre o desenvolvimento dos cursos da faculdade, antes mesmo que a 3ª República que nascia não decidia em assumir a renovação completa.

A criação das faculdades napoleônicas: projeto, efeitos e prosperidade

As faculdades de 1808: as faculdades para os estudantes

Fixada por uma série de decretos estabelecidos entre 1808 e 1810, a organização da Universidade Imperial abarca diretamente as faculdades ao ensino secundário. É importante dizer que, nesse sistema, “os cursos das faculdades de letras e de ciências são a continuidade e o complemento dos estudos dos liceus”⁷. Os termos “estudante” ou “ouvinte” são ausentes desses decretos e só figuram “alunos”. O funcionamento geral das faculdades e a relação entre o professor e seu auditório não são elogiados como aqueles que Duruy chama suas vozes sessenta anos mais tarde. Um programa de estudo muito detalhado, de

⁶ Outros textos oficiais e testemunhos publicados na imprensa ou em textos memorialísticos, dos quais aqui se utiliza muitos exemplos, o público acolhido e o desenvolvimento geral dos cursos foram objeto de observações frequentes pelas diferentes tutelas administrativas. Teoricamente, cada professor é avaliado anualmente pela inspeção geral do ensino superior, pelo decano da faculdade, que redige uma opinião, e pelo reitor da academia que assina também, completa ou contradiz a opinião do decano. Se essas diferenças de avaliações não são sistematicamente benéficas no século pelas três tutelas citadas, a documentação produzida é considerável e constitui uma fonte de primeira ordem para o funcionamento das faculdades. Encontramos em Guy Caplat e Bernadette Lebedeff-Choppin, *L'Inspection générale de l'enseignement supérieur au 19^e siècle*, (Paris/Lyon, INRP, 2002) uma descrição precisa do papel desse *corpus* e de arquivos que puderam produzir. As notícias de avaliação anual dos professores redigidas pelo decano ou pelo reitor são conservadas com os dossiês de pensão (ao menos para a segunda metade do século) nos Archives Nationales (também mencionados AN), série F17 20001 à F17 21893. Podemos enfim explorar os registros dos estudantes inscritos nos cursos ou laureados nos exames (AN F17 4547 à F17 4704, não consultados), ignorados nesse estudo na medida em que, por definição, essa fonte não pode ser completa para o conjunto do público realmente presente nas salas dos cursos.

⁷ Statut sur les facultés des lettres et des sciences du 16 février 1810, art. 1, titre 1, *RLRES*, t. I, p. 249.

tipo escolar, é prescrito. Ele precisa, por exemplo, que “o professor de filosofia tratará das principais questões da lógica, da metafísica e da moral e dará os seus desenvolvimentos próprios para fortificar o espírito e o julgamento dos alunos”⁸. As linhas pedagógicas atendidas são em parte calculadas sobre aquelas que unem o professor do liceu aos seus alunos e testemunham igualmente a preocupação de formação que deve animar os professores: “Os professores de uma ou de outra faculdade farão cada um três lições por semana de uma hora e meia: uma meia hora ao menos será empregada à exercitar os alunos [...]. Fará demonstrações e experiências em todos os cursos que sejam suscetíveis”⁹. Para serem produtivos, esses cursos, segundo o regulamento para a Faculdade de Ciências de Paris de 1809, destinam-se prioritariamente aos jovens selecionados e capazes: “Os alunos que se apresentam em uma ou outra série para fazer seus cursos de licenciatura devem ser bacharelados em ciências e em letras. [...] Assim, devem saber a geometria elementar, a trigonometria retilínea, álgebra e sua aplicação à geometria, os elementos da estatística, as noções elementares da química e da história natural”¹⁰. Essa seleção dos alunos é certamente destinada àqueles que pretendem os graus e não regula o acesso às salas de curso, mas parece significativa do público atendido e da finalidade projetada para esse ensino: formar jovens que sigam seus estudos e se inscrevam em cursos precisos.

Essa proximidade com as finalidades e as práticas do secundário é facilitada pelo pessoal que em parte atua ainda no liceu. Dessa forma, os professores das classes mais adiantadas dos liceus são membros de direito das faculdades: “O primeiro professor de matemática do liceu [...] fará necessariamente parte [da faculdade de ciência]” e “[da faculdade de letras] será composta do professor de *belles-lettres* do liceu e de dois

⁸ *Id.*

⁹ *Id.*

¹⁰ Règlement particulier pour la faculté des sciences de Paris du 10 oct. 1809, *ibid.*, t. I, p. 233.

outros professores”¹¹. Essa partilha de pessoal com o secundário se explica pela fraca especialização das cadeiras da faculdade, pela escassez de pessoal formado em certas disciplinas e, sobretudo, pela importância das funções de certificação das instituições que são encarregadas de realizar o bacharelado. Louis Liard estima que “não parece que a intenção do legislador fez dessas faculdades corpos docentes distintos e inteiramente separados dos liceus. Parece o contrário, a estratégia foi confiar a alguns professores de liceu o direito de examinar e de conferir os graus [...]. Algumas cadeiras tiveram então benefícios destinados a estimular a emulação dos professores e a recompensar os antigos serviços”¹².

Antes mesmo de se interrogar sobre a lugar desses textos oficiais, como veremos mais adiante, o programa contido nos decretos de 1808 à 1810 foram imperfeitamente realizados, convém relativizar essa proximidade orgânica com o secundário. Assim, desde a origem, o conteúdo dos cursos da faculdade devia levar em conta os avanços da pesquisa e testemunhar um recurso epistemológico ausente da regulamentação dos liceus: os professores das faculdades “não perderão de vista a obrigação, que lhes é imposta pelo decreto de 17 de março [1808], de seguir e estudar as novas descobertas que são feitas, afim de que o ensino seja sempre um nível de conhecimento adquirido”¹³, e “cada professor terá o cuidado de fazer conhecer a história da ciência que ensinará, os autores e as obras que regulam os limites”¹⁴. Por outro lado, o controle pedagógico do público das faculdades parece particularmente deficiente, apesar da meia hora prevista para “exercitar os alunos”. A existência mesmo da Escola Normal, organizada em 1810, assinala as carências evidentes das faculdades em matéria de controle e formação.

¹¹ Décret du 17 mars 1808, titre II, art. 13, *ibid.*, t. I, p. 173.

¹² Louis Liard, *L'Enseignement supérieur en France*, Paris, A. Colin, 1888-1894, 2 vol., t. II, p. 124.

¹³ Statut sur les facultés des lettres et des sciences du 16 février 1810, titre 1, art. 8, *RLRES*, t. I, p. 249.

¹⁴ Statut sur les facultés des lettres et des sciences du 16 février 1810, titre 1, art. 9, *ibid.*, t. I, p. 250.

As conferências¹⁵ que ela propõe aos seus alunos expressam uma pedagogia sem equivalente nas faculdades e lhe permite oferecer um ensino complementar aquele da faculdade. Essa complementariedade coloca as faculdades parisienses a negligenciar as atividades em que a Escola Normal tem muito boa performance, isto é, a formação dos alunos, e a privilegiar aquilo que ela não faz mais, a certificação e a vulgarização. Em síntese, parece muito que a intenção do legislador foi, em 1808, de acolher nas faculdades os jovens em busca de uma formação intelectual e científica de qualidade. Mas as contradições e as inconseqüências de um projeto a uma coerência teórica contribuiu para o seu fracasso.

“Viemos a esse curso como a um espetáculo”

De fato, o programa elaborado em 1808 não é particularmente realizado antes de 1815, devido aos acontecimentos políticos. Após a supressão de algumas faculdades, o esquema de organização do ensino e o quadro de regulamento são novamente mantidos sob a Restauração. Mas constata-se que o público acolhe o desenvolvimento dos cursos são ainda muito elogiados pelo espírito dos decretos de 1808. Os cursos das faculdades, ao menos em Paris e nas grandes cidades, tornam-se rapidamente espaços públicos e nos quais os jogos políticos e sociais precedem de longe as preocupações científicas e pedagógicas. Assim, “os cursos de M. Cousin, de 1818 à 1820, são os mais populares entre a juventude. A oposição política doutrinária os apoia de seus sufrágios nos salões realistas. A oposição liberal procura no plano científico aquilo que lhes falta e a ocasião de se fazer conhecer à juventude. O professor se

¹⁵ As conferências são definidas da seguinte maneira pelo règlement de l'école normale de 1810: “Nestas conferências, os alunos [da seção literária] explicam e analisam os autores clássicos e respondem as dificuldades que eles se propõem uns aos outros. Eles leem suas composições, como traduções, discursos, descrições, narrações históricas, peças de versão latina, comentários, questões de filosofia, de gramática e de história” (art. 59). “Na seção de ciências, os alunos discutem os principais dificuldades das lições anteriores, comparando os diferentes métodos de solução [...], repetem as experiências de física e química” (art. 60), *RLRES*, t. I, p. 273.

leva pouco a pouco, torna-se tribuno sem dúvida”¹⁶. O fenômeno assume maior amplitude nos anos que se seguem e os cursos são ainda elogiados por sua função primeira, como testemunha a narrativa de Stendhal aos seus leitores ingleses do *New Monthly Magazine*, em junho de 1828:

Apesar de seus receios, nossos ministros atuais arriscam solicitar autorização aos MM. Guizot e Cousin para assistir seus cursos. [...] Uma multidão de jovens, e mesmo muitos homens de todas as idades, assistem os cursos de M. Cousin. [...] As salas espaçosas em que esses senhores dão suas lições estão muitas vezes cheias duas horas antes de começar: 1) os jovens em busca de saber e que acham muito agradável se entregar ao que é moda; 2) as pessoas mais maduras que têm o espírito cultivado e conhecimentos variados, mas que têm tempo disponível - essa classe é muito numerosa em Paris; 3) alguns senhores avisados previamente, enfim, que estimam que há vantagens para si se mostrarem aos jovens e chamar sua atenção. Verdade seja dita, para um homem já conhecido por algumas obras literárias ou por alguma transação política, os cursos de MM. Cousin, Villemain e Guizot oferecem a possibilidade de não se fazer esquecido do público.¹⁷

Assim, os cursos têm um público constituído exclusivamente de ouvintes, mesmo que “os jovens em busca de saber” comparecem porque lhes parece “é a moda”.

Esse funcionamento não é apanágio só da Faculdade de Letras de Paris, pois os cursos de Cuvier no Collège de France são seguidos por uma multidão que também desaparece em 1830:

O anúncio das lições do ilustre naturalista são capazes de estimular os mais altos graus de interesse. O público não perde uma certa solenidade: uma hora antes de chegar o professor, a sala já está lotada. [...] O pátio do colégio e o lugar estão cobertos de equipamentos. Assinalamos no auditório muitas damas francesas e

¹⁶ Paul-François, Dubois. *Cousin, Jouffroy, Damiron: souvenirs publiés avec une introduction par Adolphe Lair*, Paris, Perrin, 1902.

¹⁷ Stendhal, *Paris-Londres: chroniques*. Édition établie par Renée Dénier, Paris, Stock, 1997, p. 859-863.

estrangeiras: de tempos imemoriais, o belo-sexo é representado no curso de M. Andrieux; mas deve haver alguma coragem para desafiar a aridez de um ensino científico.¹⁸

Alguns anos mais tarde, na província, os inspetores gerais notam igualmente a presença no auditório dos cursos de Letras em Lyon, em 1839, “todas as classes da sociedade [que] se dirigem a esses cursos”¹⁹. Em Montpellier, em 1843, eles reparam que “em uma área, uma quinzena de mulheres tem um recinto reservado”²⁰. Paul-François Dubois, nomeado em 1819 professor de retórica no Liceu de Besançon e encarregado de cursos na Faculdade de Letras, descreve com prazer a evolução de seu auditório na faculdade durante o primeiro ano: “Os cursos estavam desertos; mais de duzentas pessoas de todas as idades, magistrados, comerciantes assistem [daqui em diante] a minhas lições”²¹.

Muitos aspectos explicam sem dúvida a importância crescente tomada pelos elementos estranhos ao mundo escolar. A abertura dos cursos para um público externo é uma prática testada no Antigo Regime, por exemplo no colégio de Navarre, onde as demonstrações de física experimental do abade Nollet conheceram grande sucesso:

Afluência está muito grande no curso do abade Nollet, que, desde as primeiras lições [em 1735], o bispo de Laon, superior do colégio de Navarre, soliciou ao rei a autorização de preparar um local novo, para ser suficiente ao número sempre crescente de ouvintes. Logo um magnífico anfiteatro foi construído, com uma tribuna adequada para o rei, os príncipes e as pessoas de distinção, que acorrem a esse curso pelo renome do professor.²²

¹⁸ *Le Lycée, journal général de l'instruction*, t. VI, n° 11, 14 janvier 1830, p. 328-329.

¹⁹ Guy Caplat, Bernadette Lebedeff-Choppin, *L'inspection générale de l'enseignement supérieur*, op. cit., p. 135-136.

²⁰ *Ibid.*, p. 136.

²¹ Paul-François Dubois, *Fragments littéraires. Articles extraits du Globe*, Paris, E. Thorin, 1879, t. I, “Introduction”, p. IX-X.

²² Louis Figuier, *Exposition et histoire des principales découvertes scientifiques modernes*, Paris, 1858, p. 226.

Os "cursos públicos" são um lugar em que a elite social se dá a ver e não se espantará com o seu renascer depois de 1815. Por outro lado, o contexto político da Restauração tem um papel importante, já que a censura e a repressão de oposição política transforma o curso da faculdade em tribuna política, por exemplo, com Guizot ou Cousin, proibidos a partir de 1822, autorizados novamente em 1828. A complementariedade imposta aos liceus também joga paradoxalmente contra a presença de verdadeiros alunos nesses cursos: nas cidades que dispõem de uma faculdade, os alunos dos liceus que preparam o bacharelado tem a obrigação de seguir os cursos da faculdade. Desse fato, um decreto de 1810 estipula que "em geral, os cursos das faculdades não podem ocorrer nas mesmas horas que as classes dos liceus. Sem essa disposição, os alunos dos liceus que já avançaram nos seus estudos não poderiam seguir os cursos das faculdades"²³. Essa disposição transforma *de facto* os cursos da faculdade em cursos noturnos, o que facilita a vinda de um público ouvinte livre. Em 1844, Victor Cousin deplora, colocando que "os cursos à noite, permitem atrair as damas e um certo número de homens ociosos, que vêm procurar um descanso dos trabalhos diários"²⁴. Trinta anos mais tarde, a narrativa de Louis Liard de seus primeiros cursos em Bordeaux, em 1876, confirma o papel dos horários na seleção do público: no primeiro ano, seu curso ocorria às 8 horas da noite e atraía um público ocioso que o abandona, conta ele, logo que consideram hora de iniciar a festa; o ano seguinte, coloca seu cursos pela manhã e os ouvintes em busca de pura distração desaparecem²⁵.

Os dois tipos de público em estiveram constante coabitação. Parece que a estratégia de seduzir os ouvintes adultos rapidamente importou para a maioria dos professores, em detrimento dos alunos ainda presentes. É verdade que o efetivo de estudantes inscritos são

²³ Instruction pour l'exécution du statut du 16 février 1810 sur les faculté des sciences et des lettres, 5 avril 1810, *RLRES*, t. I, p. 255.

²⁴ Victor Cousin, citado por L. Liard, *L'enseignement supérieur*, *op. cit.*, t. II, p. 186.

²⁵ Louis Liard, *Universités et facultés*, Paris, A. Colin, 1890, p. 22-23.

frequentemente esqueléticos e incitam os professores a responder a outras demandas. Os inspetores gerais notam que em 1831, em Toulouse, o curso de Ciências é seguido por cinco pessoas de acordo com o que disse o professor, mas que uma só está presente no dia da inspeção; que em 1836 o curso de Literatura Grega em Strasbourg não tem mais que três ouvintes.²⁶

No entanto, esses mesmos inspetores admitem que nessa data ainda é difícil a transformação do curso da faculdade em um espetáculo de vulgarização destinado a atrair um grande público. O relatório que redigem depois de sua visita à Toulouse, em 1834, testemunha por sua vez, as medidas administrativas ainda conforme o projeto de 1808, de mudança de natureza do auditório depois da obra e de suas consequências sobre o desenvolvimento do curso. Eles descrevem assim o curso do professor Cabantous:

Esse curso atrai a multidão. M. Cabantous alimenta essa curiosidade por um fluxo mais que animado, uma gesticulação mímica, por gritos de voz, vez que outra terríveis e de alto volume, uma linguagem veemente, raramente elevada, jamais simples, muitas vezes comum, enfim por um tom de convicção. [...] Se ele não põe nisso instrução, ele ao menos tem boas emoções. [...], e em outro colégio, durante a mesma inspeção, em história: Ele está crente que o desejo contagia seu auditório, mas falseia a direção [de seu curso], não atingindo o objetivo. Esta tendência de um ensino superior de uma faculdade se modelar e se encolher assim sobre os gostos frívolos da juventude nos parece um contra senso em que as consequências serão muito graves²⁷.

Retornando no ano seguinte, em 1835, os inspetores notam consternados: “Viemos a esse curso como a um espetáculo”²⁸.

Essas prevenções duram pouco e assistimos nos anos seguintes a um retorno as demandas do inspetor geral do ensino superior. A presença de ouvintes livres, que vêm se distrair e cultivar, é percebida positivamente e assinalada, pelos inspetores, com indício de a qualidade

²⁶ Guy Caplat, Bernadette Lebedeff-Choppin, *op. cit.*, p. 134.

²⁷ *Ibid.*, p. 128.

²⁸ *Id.*

dos cursos, quando estão firmemente condenados alguns anos antes. Um relatório sobre a Faculdade de Letras de Poitiers, em 1849, um professor argumenta: "M. Bertereau é de todos os professores aquele que atrai o maior número de ouvintes. Isso por si só é um fato remarcável, que deve gerar questões mais graves e espinhosas, dos homens do mundo ou dos jovens habituados a procurar distrações menos sérias"²⁹. A propósito de um curso de Letras em Dijon, em 1843, que ele não julga bom e que portanto está deserto, o inspetor não pode esconder sua decepção: "Ninguém apareceu para justificar o abandono da maioria dos cursos [...]. Posso atribuir a ausência de público à pouca disposição da população de Dijon para os estudos puramente literários"³⁰. A capacidade de atrair um público não especializado torna-se então um critério determinante do êxito professoral.

O triunfo do curso espetáculo explica a construção, no imaginário social, de um modelo de professor da faculdade fundada sobre o carisma, o brio retórico e a capacidade de sedução. A descrição de Victor Cousin, em 1828, de Jules Barthélemy-Saint Hilaire é típico desse modelo e da relação que esse professor estabelece como o auditório, através de um jogo de cena completamente teatralizado:

O auditório está cheio e em silêncio, pois o professor chegará à tribuna; os aplausos frenéticos se repetem em sua honra com duas ou três reprises. Ele se inclina por cortesia; e depois de alguns instantes de recolhimento, se põe a falar durante uma hora, algumas vezes mais, sem tomar nenhuma nota, sem nenhuma hesitação, com expressão sempre justa e correta. O auditório permanece sob o seu charme, ele não interrompe o orador, só quando não puder mais conter suas emoções [...]. Acrescentemos que a pessoa do orador deve contribuir para a magia que ele exerce. M. Cousin tem então 36 anos. Ele está com toda sua virilidade. Seu traje é muito elevado, está muito bem feito; seus olhos relampejam a todo o momento; os traços de expressão estão regulares e são de uma beleza escultural; a fisionomia é muito expressiva e móvel [...]. A voz está sonora, de um timbre que não é, nem muito grave, nem muito agudo; ela não

²⁹ *Ibid.*, p. 279.

³⁰ *Ibid.*, p. 136.

esta nada precipitada, e não está lenta. Ela se faz entender por todas as partes da sala; nenhuma palavra é perdida.³¹

Outros testemunhos atestam a perenidade desse modelo durante todo o século. Assim, a introdução, após 1878, das conferências fechadas reservadas aos estudantes é vista por alguns como uma traição que priva o professor daquilo que constitui o cerne de sua atividade, isto é, a performance retórica oferecida ao público. Em 1888, M. Duméril, decano da Faculdade de Letras de Toulouse, se opõe também a essa novidade, "lamentando a época brilhante dos cursos públicos, desaprovando ele mesmo aquilo que foi feito depois de oito anos, pretendendo reduzir os professores à atividade de simples preparadores"³². A criação das conferências fechadas buscou, segundo Louis Liard, "denunciar como perigosa para o talento que tem tudo a perder ao ser bloqueado em um espaço fechado, e não podemos prosperar a pleno ar do curso público"³³. Liard nota, entretanto, uma diferença entre as ciências e as letras e fornece uma explicação da ligação de uma parte do corpo docente com as práticas antigas: "para o professor de letras, o público é todo o ensino, o objetivo, a recompensa. Ele deve o conquistar e uma vez conquistado, o conservar"³⁴. Por outro lado, Liard critica severamente, em 1890, o modelo as antigas faculdades, não podendo condenar totalmente o curso público, que lhe parece como uma manifestação brilhante do espírito francês, que estamos dependendo³⁵.

As expectativas novas: um modelo precocemente colocado em causa

Apesar de seu sucesso, o curso espetáculo destinado a um grande público apresenta inconvenientes, inicialmente referidos e denunciados

³¹ Jules Barthélemy-Saint-Hilaire, *M. Victor Cousin. Sa vie et sa correspondance*, Paris, Hachette, 1895, t. I, p. 239-240.

³² Guy Caplat, Bernadette Lebedeff-Choppin, *op. cit.*, p. 282.

³³ Louis Liard, *Universités et facultés*, *op. cit.*, p. 90.

³⁴ *Ibid.*, p. 21-22.

³⁵ *Ibid.*, p. 89.

por alguns professores. Esses últimos, particularmente de Ciências, se dão conta rapidamente que são contraditórios e frequentemente impossíveis de satisfazer em um mesmo curso os ouvintes profanos, que não desejam um ensino muito forte, e os estudantes que desejam progredir. O relatório dirigido ao ministro pelos professores da Faculdade de Ciências de Paris, em 1837, testemunha a dificuldade de servir a esse duplo público e assinala quanto os jovens em processo de formação sofrem com a situação:

Qual é o papel da Faculdade de Paris? É evidente que ela tem por objetivo preparar a juventude para as provas da licenciatura em ciências, a agregação³⁶ e o doutorado em ciências. Além disso, ela divulga para o público o conhecimento das ciências exatas pelos seus cursos, os quais todo mundo pode ser admitido, sem nenhuma distinção. É sobre esse último ponto de vista que a faculdade de ciências de Paris se apresenta a quem não estuda um pouco profundamente a organização. Dessa forma, a mistura de ouvintes, pertencentes às classes mais elevadas da sociedade, e os jovens que tem um objetivo positivo, um estado para adquirir [...], tudo isso forma um conjunto que dá ao ensino da faculdade um caractere especial que pode fazer nascer idéias inexatas.³⁷

Os mesmos autores produzem dois outros relatórios com a mesma abordagem em 1840 e em 1846. Em 1840, a comparação com o estrangeiro e a utilidade econômica tem destaque na argumentação em favor de uma reorientação dos cursos da faculdade:

Passou o tempo em que podíamos nos fechar nas abstrações filosóficas: a ciência modifica a indústria; a indústria por sua vez modifica as condições da ciência. Na Universidade de Londres, os alunos aprendem em um atelier especial manejando as principais ferramentas; em Turin, os alunos da universidade estudam hidráulica em um estabelecimento onde se executam todas as experiências sobre o movimento dos líquidos; isso faz com que nossos estudantes descubram, eles também,

³⁶ Nota do tradutor: *Agrégation* é o concurso para recrutamento de professores do ensino secundário e universitário.

³⁷ *RLRES*, t. I, p. 785.

antes de nós, os recursos da educação científica que necessitam.³⁸

Os mesmos temas são ainda repetidos em 1846, se apoiando sobre os exemplos franceses da Escola Normal e da Escola Politécnica. Denunciando a fraqueza dos meios desenvolvidos nas faculdades e clamando pela necessidade de um enquadramento pedagógico bem mais estreito, Jean-Baptiste Dumas estima que “a justiça vê que o bem feito é reconhecido como indispensável para os alunos, com exceção dos alunos livres”³⁹. A crítica é retomada a partir dos anos 1840 por alguns literários. Victor Cousin reclama, em 15 de maio de 1844, no *Chambre des Pairs*⁴⁰, “um pequeno número de grande locais de estudos, com professores eminentes e muitos alunos”. Ele rejeita claramente o curso espetáculo, que ele mesmo praticou com alegria, e a “faculdade de acreditação”, que compara à “uma espécie de Atenas onde um benevolente auditório vem escutar um frívolo professor. Não é uma instituição séria onde se forma e se eleva um grande público”⁴¹.

A evolução das práticas

Se essas críticas não foram entendidas pelos ministérios sucessivos e não deram lugar a nenhuma mudança, os professores, por sua vez, desenvolveram novas estratégias para tentar compensar as carências do curso espetacular e resolver os problemas colocados por um público misto de alunos e de ouvintes. Esta adaptação das práticas de ensino são inegavelmente conhecidas, pois que não responderam a nenhuma demanda oficial, senão aos estatutos que a impuseram teoricamente. Como vimos, um terço do tempo reservado era para as perguntas dos alunos. Ela é por sua vez remarcável, caso de um professor parisiense,

³⁸ Relatório de Jean-Baptiste Dumas, decano da faculdade de ciências de Paris, em 1840, citado por Octave Gréard, *Instruction et éducation. Enseignement supérieur*, Paris, Hachette, 1887, p. 58-59.

³⁹ Procès-verbal de délibération de la faculté des sciences de Paris du 18 septembre 1846, cité par Octave Gréard, *ibid.*, p. 262.

⁴⁰ Nota do tradutor: *Chambre des pairs*: Camara alta do Parlamento nessa data.

⁴¹ Victor Cousin, citado por Louis Liard, *L'enseignement supérieur...*, *op. cit.*, t. II, p. 186.

ou não se revela de maneira incipiente, na leitura de um relatório de inspeção ou de um regulamento particular que mostra a adaptação do conteúdo do curso, um recurso pedagógico particular para com o público, ou ainda o desenvolvimento de um ensino paralelo que concerne a uma parte selecionada de público.

O curso de História Moderna de Guizot, em 1829, compreende, a cada semana, dois tipos de lições que são complementares e se esforçam cada uma a servir uma parte diferente do público, com um desenrolar e com horários adaptados em consequência. A lição que tem lugar no sábado, à uma hora, é consagrada ao “desenvolvimento dos fatos e considerações”; a outra, que é anunciada na segunda às dez horas, será uma “espécie de conferência, em que M. Guizot dará os esclarecimentos que lhe serão solicitados, responderá às objeções que lhe serão feitas a viva voz ou por escrito e interrogará, ele mesmo, os ouvintes que o desejarem”.

O redator que relata esse programa é plenamente convencido da necessidade de revalorizar a função de formação nas faculdades e se regozija dessas inovações: “Nós tivemos mais de uma vez reclamações que os cursos da Faculdade de Letras [...] não resultam para a juventude de uma utilidade positiva, e nós solicitamos por esse olhar uma organização nova. Hoje, a reforma se opera dentro da mesma Faculdade: nós nos felicitamos”⁴². O mesmo nota um pouco mais longe que essa utilização diferente de duas lições semanais é igualmente adotada por Jouffroy, substituto de Milon, para seu curso de História da Filosofia Antiga, em 1829: “A segunda sessão será empregada à repetição das doutrinas estabelecidas na primeira: os alunos podem perguntar ao mestre todos os esclarecimentos que desejam; e o professor, por seu lado, se assegurará, por questões diretas, se ele foi compreendido por seus jovens ouvintes”⁴³.

⁴² *Le Lycée, journal général de l'instruction*, t. VI, 1829, p. 205-206.

⁴³ *Ibid.*, p. 236.

Alguns professores colocam ainda mais longe o enquadramento dos estudantes, como Joseph Victor Leclerc, professor de Eloquência Latina na Faculdade de Paris, de 1824 a 1865, depois de ter sido professor de liceu e de colégio, como *maître de conférences*⁴⁴ na Escola Normal, de 1822 à 1824. Segundo Guizot, Leclerc “gostava de atrair os jovens; e após uma espécie de interrogatório introdutório onde filtra [...] as sérias vocações, quando se assegura de ter encontrado jovens de espírito sólido e aberto, ele se entusiasma em indicações de todos os tipos, designando, fornecendo por sua vez livros para ler, assinalando os cursos a serem frequentados”⁴⁵. Certamente marcado por seus primeiros anos de exercício, Leclerc estabelece bem essa relação de mestre aos alunos.

Por outro lado, certos professores de província escolhem utilizar a grande liberdade pedagógica que dispõem para dar algumas orientações aos seus cursos. É o caso, por exemplo, em Poitiers, em 1849, onde os inspetores apreciaram o trabalho de um entre eles: “M. Meyer deu ao seu curso um objetivo de utilidade prática, isto é, ele propôs aproximar os estudos dos jovens que se preparam para a licenciatura. Nós aprovamos essa direção prática das lições, que também foram preparadas com cuidado. [...] A lição a qual assistimos reuniu de 15 à 20 ouvintes”⁴⁶. Esse modelo não é, no entanto, o único possível no espírito dos inspetores, pois, no mesmo ano e na mesma faculdade, o curso de filosofia de M. Bertereau, que continua muito clássico e se dirige a um grande público, não é mais apreciado pelos inspetores.

Uma outra forma de resposta às demandas dos estudantes consiste em propor mais cursos públicos e gratuitos na faculdade. Esse dispositivo, que sem dúvida sempre existiu, foi mais usual aos cursos de Ciências do que de Letras. O ministro da instrução pública Hippolyte Fortoul confirma, implicitamente, a existência desses cursos

⁴⁴ Nota do tradutor: *Maître de conférences*: pessoal da escola normal encarregado de repetições, dos exercícios ou das lições complementares para os alunos dessa escola.

⁴⁵ Octave Gréard, *op. cit.*, p. 62.

⁴⁶ Guy Caplat, Bernadette Lebedeff-Choppin, *op. cit.*, p. 280.

complementários indicando, no relatório de 22 de agosto de 1854, que as conferências que ele decide de criar “fornecerão às repetições particulares em que o preço é muito exorbitante”⁴⁷.

Em seguida, por meio de decreto, fixa-se efetivamente a tarifa das conferências para os estudantes aspirantes à licença de Letras e a de Ciências - 150 francos por ano⁴⁸. Ele acredita que essas tarifas são viáveis “nos estabelecimentos onde esses meios acessórios de instrução são organizados”⁴⁹, que indica que esses cursos complementares têm um caráter quase oficial nas faculdades onde eles existem. Essas conferências não fazem desaparecer os cursos privados dados por professores, pois como recorda, em 1855, “se alguns professores, preocupados momentaneamente com pesquisas particulares, desejarem propagar os resultados, não me parece que essa preocupação fará se voltarem para seus primeiros deveres. Eles podem, nas conferências ou nas lições suplementares, comunicar suas idéias àqueles alunos que consideram tenham futuro e que sejam capazes de tirar vantagem. Longe de se opor, a administração lhe será grata”⁵⁰.

A resposta diferente das autoridades As reformas do Segundo Império

Os primeiros anos do Segundo Império, em que Fortoul ocupa o Ministério da Instrução Pública, marcam o início de uma verdadeira tomada de consciência para as autoridades políticas da necessidade de renovar o ensino das faculdades. Longe de ceder às demandas de certos professores, apresentados acima, o retorno das expectativas ministeriais responde, na realidade, a dois objetivos muito diferentes. O primeiro é político, pois a reorientação disciplinar dos professores tranquiliza o poder que teme constituir um desvio de energia observada durante a Restauração e a Monarquia de Julho, isto é, a transformação das

⁴⁷ Citado em *RLRES*, t. II, p. 350.

⁴⁸ *Ibid.*, t. II, p. 358-359.

⁴⁹ *Ibid.*, t. II, p. 357.

⁵⁰ Instruction sur la répartition de l'enseignement dans les facultés des sciences, 30 novembre 1855, *ibid.*, t. II, p. 454.

faculdades em local de oposição. A outra preocupação que parece motivar as autoridades é assegurar o desenvolvimento industrial e comercial da França. Ele responde, assim, às duas demandas locais dos meios industriais, em busca de conhecimentos úteis e práticos, e à burguesia urbana, que financia as faculdades, como atestam as condições de criação de uma nova cadeira em Lille, em 1864⁵¹.

Daqui em diante, segundo as instruções ministeriais de 1855, as faculdades

são encarregadas de ensinar as partes das ciências que são já conhecidas; que deixem para o Colégio de França, ao Museu de História Natural, o privilégio de conduzir os seus ouvintes nas rotas novas, e de sondar com eles as profundezas ainda desconhecidas da ciência. [...] As faculdades têm outra missão; elas preparam os jovens para os graus acadêmicos, e, graças a uma extensão de suas atribuições que o movimento industrial de nosso século justifica, elas preparam igualmente para a certificação de aptidão para as ciências aplicadas que a indústria sempre necessita mais e não deixará de popularizar.

O ministro insiste sobre esse ponto, “[é] indispensável hoje que dirijamos nossa atenção sobre as aplicações e que a juventude possa adquirir nos estabelecimentos os conhecimentos que ela necessita para fazer parte dos trabalhos que honram também o espírito humano”⁵². Em consequência,

As faculdades de ciências têm uma dupla missão. Elas devem, por um lado, expor as ciências em seus princípios, e que se elevem às mais altas especulações [...]. Mas devem, por outro lado, destinar esse ensino puramente científico, que será conveniente a um pequeno número de ouvintes da elite, às fecundas aplicações que, contribuindo cada dia para o progresso das artes e da indústria, possam estimular na medida o interesse de toda a sociedade⁵³.

⁵¹ Sobre as condições dessa formação, *cf. infra*.

⁵² *Ibid.*, t. II, p. 453.

⁵³ *Id.*

A renovação das expectativas é espetacular, por exemplo, pela relação das críticas formuladas em 1834 por um inspetor no encontro com o decano da Faculdade de Letras de Besançon, que havia proposto um curso “muito útil e digno o suficiente”⁵⁴.

Duas missões de fato práticas ecoaram nas faculdades: assegurar a preparação dos futuros professores aos graus acadêmicos e contribuir para o desenvolvimento econômico da França, fornecendo mão de obra qualificada, que são designados então como “a numerosa juventude que se volta às carreiras comerciais e industriais”. O auditório que procura um curso recreativo desapareceu, senão das salas dos cursos, ao menos das preocupações ministeriais. A vontade de marginalizar esse auditório é confirmada por vários relatos. Daqui em diante, segundo as instruções oficiais de 1858, somente “os auditórios sérios, os quais somente [o professor] deve contar, procurando ser escutado, não pelo vã prazer de uma improvisação atraente, mas pelas vantagens de uma instrução sólida e durável”⁵⁵.

Alguns anos mais tarde, 1864, uma instrução aos reitores entra explicitamente em ruptura com a doutrina dos regimes precedentes e junto com os princípios expostos a partir dos anos 1830 por alguns professores. “As faculdades têm por objetivo preparar os graus universitários, por cursos rigorosamente determinados, e de conferir esses mesmos graus por exames públicos. O ensino deve ser severo, com sacrifício às idéias do momento e aos caprichos da moda: ele não pode se dobrar às conveniências de um auditório misturado”⁵⁶. A satisfação de um mesmo curso dos alunos e dos ouvintes livres é, enfim, reconhecida como impossível pelo ministro.

⁵⁴ Guy Caplat, Bernadette Lebedeff-Choppin, *op. cit.*, p. 127.

⁵⁵ Instruction du ministre du 15 mars 1858, *RLRES*, t. II, p. 511.

⁵⁶ Instruction aux recteurs de 1864 : Instructions sur l’enseignement des Facultés et sur les leçons faites le soir, 7 avril 1864, *ibid.*, t. II, p. 639.

A prioridade daqui por diante é dar um ensino “útil”. Os ministros do Segundo Império se esforçam em responder às demandas da indústria local, como mostram as instruções dadas em 1855:

Chegará, por sua vez, que o olhar às conveniências particulares de certas localidades, os cursos que nos vão ocupar devem receber alguns desenvolvimentos novos. É indispensável, especialmente em Marseille ou em Bordeaux, que o professor da faculdade se preocupe das necessidades da prefeitura, e que ensine com muito cuidado os métodos da astronomia náutica. Como não pode deixar de dar, quando dá um curso de mecânica em uma escola de Besançon, algumas explicações sobre a cronometria e mesmo sobre os procedimentos usuais da relojoaria, que ocupa nessa cidade muitos milhares de trabalhadores?⁵⁷

As condições de fundação de uma cadeira de Geologia e Mineralogia em Lille, em 1864, ilustram perfeitamente os novos pontos das demandas locais. De fato, a municipalidade tem a iniciativa dessa criação e se encarrega de assegurar o financiamento. O Estado intervém somente para oficializá-la, como mostram as considerações do decreto de criação:

Visto a deliberação do conselho municipal de Lille, datada de 28 de outubro de 1864, pela qual a cidade de Lille coloca à disposição da Faculdade de Ciências uma soma de dez mil francos para a instalação de um curso de Geologia e de Mineralogia, e se engaja a destinar anualmente uma soma de quinhentos francos para a manutenção desse curso [...]; considerando que, em um lugar onde a exploração das minas de hulha e ferro e a indústria metalúrgica tem tido grande desenvolvimento, um curso de geologia e de mineralogia estudando, sobretudo, as suas aplicações à atividade industrial do país parece fornecer verdadeiros serviços.⁵⁸

⁵⁷ Instruction sur la répartition de l'enseignement dans les facultés des sciences (30 novembre 1855), *ibid.*, t. II, p. 455.

⁵⁸ Décret portant création d'une chaire de minéralogie et de géologie à la faculté des sciences de Lille, 15 décembre 1864, *ibid.*, t. II, p. 671-672.

A criação da Escola Prática de Altos Estudos - Ephe, em 1868, mostra, no entanto, que o governo não responde somente às demandas dos meios econômicos. Essa fundação se explica, sobretudo, pela constatação das carências do ensino superior e, também, pelo complexo de inferioridade que se desenvolve nos meios intelectuais franceses diante da Alemanha. Se o fenômeno é bem conhecido e foi estudado no período posterior a 1870⁵⁹, ele nasce, na realidade, antes da derrota francesa, nutrida por diversas publicações como o relatório de Würtz sobre a viagem que efetuou à Alemanha, *Statistique de l'enseignement supérieur*, os artigos de Gaston Boissier na *Revue des Deux Mondes*, as *Questions contemporaines* de Renan, etc.

Victor Duruy condena esses argumentos em seu relatório preliminar à fundação da Ephe para atacar os cursos da faculdade tal como se praticava depois de sessenta anos e insiste sobre a necessidade de recuperar o atraso intelectual que se alarga, segundo ele, com a Alemanha: “No dia em que nós professores tivermos, como os das universidades alemãs, verdadeiros discípulos, [...] eles consagraram mais tempo ao labor da erudição literária ou histórica, se é forte em honra do outro lado do Reno, e que, hoje, ela é muito pouco entre nós”⁶⁰. O objetivo fixado pela Ephe é de formar os cientistas, pois os alunos estarão “sob a direção de mestres hábeis que prepararão os discípulos e os sucessores”⁶¹.

Essa vontade de formar os alunos e de se recuperar em relação à Alemanha se inspirando em suas práticas pedagógicas, leva à criação de uma estrutura original, consistindo da reunião de laboratórios e cursos de Letras e Ciências já presentes na universidade de Paris, sem nova criação, salvo aquela de uma série de conferências particulares reservadas aos alunos da Escola. Esses “alunos” são selecionados pela sua capacidade de seguir a formação proposta e beneficiar-se dos cursos

⁵⁹ Claude Digeon, *La crise allemande de la pensée française 1870-1914*, Paris, Presses universitaires de France, 1959.

⁶⁰ Relatório precedente à fundação da Ephe e decreto de 31 de julho de 1868, *RLRES*, t. II, p. 747.

⁶¹ *Id.*

abertos da Faculdade, das conferências particulares da Escola e dos trabalhos de laboratório. Uma comissão especial é criada para ajudar esses alunos a entrar nos laboratórios e publicar seus trabalhos, de maneira a facilitar seu ingresso na carreira científica (art. 9). A reforma se inspira muito nas práticas da Escola normal, pois ela busca duas características principais: a seleção dos alunos julgados os mais aptos e um enquadramento pedagógico restrito, com conferências obrigatórias, trabalhos a apresentar, controle da assiduidade (art. 4). E, mesmo que a Ephe forneça os seus próprios diplomas, ela também tem uma complementariedade com o ensino das faculdades.

A generalização da dupla curso/conferência na 3ª República

O exemplo da Ephe mostra que a composição do auditório é, daqui por diante, essencial aos olhos das autoridades, pois eles condicionam de perto a natureza do ensino ministrado. Essa criação constitui uma ruptura fraca com as concepções que prevaleciam na primeira metade do século. Mas as realizações e a renovação das práticas estavam limitadas. Dessa forma, o governo não fornece as somas necessárias à renovação do conjunto do ensino superior, que deve continuar a se autofinanciar. Assim, as transformações são pontuais, atingindo a capital e grandes cidades da província que têm um desenvolvimento industrial importante, ignorando as faculdades de cidades médias e pequenas, que continuam a oferecer os mesmos cursos, ao mesmo público. A verdadeira transformação das faculdades é então realizada pela 3ª República. Como para o ensino primário, essas reformas se beneficiam da dupla linha da ideologia republicana e da necessidade de tirar as consequências da derrota de 1870. Liard insiste, particularmente, sobre o papel da derrota: “Por isso, a reforma das nossas faculdades não é somente mais um caso de ciência, ela deve ser uma questão de patriotismo”⁶². O objetivo é, mais uma vez, de se concentrar sobre a função de formação em detrimento da vulgarização, sobre os alunos mais que sobre os ouvintes livres.

⁶² Louis Liard, *Universités et facultés*, *op. cit.*, p. 32.

Os modelos que inspiram as reformas republicanas continuam os mesmos, a Escola Normal e a Alemanha, por sua vez confundidas como propôs Liard, porque na Escola normal, “jamais o ensino é um monólogo do professor face a um auditório passivo; é o *colloquium* ativo do mestre e dos alunos, os espaços em branco, sua pena e seus ensaios de palavra, qualquer coisa em uma palavra como os seminários científicos das universidades alemãs”⁶³. A grande reforma republicana repousa sobre a generalização, a partir de 1878, das conferências nas faculdades. Assiste-se, então, a separação formal do ensino em dois tipos de sequências, cursos e conferências, que têm cada um seu pessoal (professores de um lado, mestres de conferência, cujo cargo é criado pela portaria de 3 de novembro de 1877, de outro), seus objetivos e seus métodos (uma exposição de conhecimentos científicos *versus* um trabalho prático que permite adquirir os métodos) e, enfim, um público visado (um auditório misturado de ouvintes livres e estudantes *versus* os “alunos inscritos nas Faculdades que são só admitidos a seguir as conferências”⁶⁴): “Em troca do benefício da conferência, demandam ao estudante a assiduidade, a aplicação, a assinatura em uma folha de presença, os deveres. [...] O mestre não se limita a outra direção; ele segue o aluno. Ao ensino comum se acrescenta uma entrevista particular”⁶⁵. O plano da nova Sorbonne, reconstruído entre 1885 e 1901, marca claramente estas dissociações do curso e da conferência e o triunfo do aluno sobre o ouvinte, através da oposição entre anfiteatro e as pequenas salas destinadas às conferências, às deliberações dos juris de exame ou à preparação das experiências⁶⁶.

Durante essas conferências, o público e o nível de ensino são escolhidos de maneira a assegurar o sucesso da reforma: “buscamos pelos alunos que pelos mestres repetidores e os mestres auxiliares dos

⁶³ *Ibid.*, p. 55.

⁶⁴ Arrêté concernant les conférences instituées dans les établissements d’enseignement supérieur (5 nov. 1877), art. 3, *RLRES*, t. III, p. 167.

⁶⁵ Octave Gréard, *op. cit.*, p. 67.

⁶⁶ Um plano dessa nova Sorbonne é, por exemplo, reproduzida em Octave Gréard, *op. cit.*, annexe XV.

liceus. Pois, nos dirigimos aos professores dos colégios, bacharéis na sua maioria, e oferecemos as facilidades para a preparação da licenciatura [...], corrigimos seus trabalhos; fazemos para eles na quinta-feira conferências especiais. Enfim, a esses primeiros recrutados juntam-se logo a falange da elite de bolsistas de licenciatura. Após a licenciatura, nova etapa, a agregação”⁶⁷. A reforma se apoia então, de início, sobre um público cativo, em particular os bolsistas, que têm que ter assiduidade e sua presença é controlada⁶⁸, e dão objetivos muito precisos a essas conferências, pois que se endereçam aos futuros professores que aspiram a licenciatura ou a agregação, diplomas que correspondem “à dupla destinação científica e profissional [das faculdades]”⁶⁹.

O resultado é a marginalização dos ouvintes livres em benefício dos estudantes regularmente inscritos. Albert Dumont escreve assim, em 1882, no *Dictionnaire de pédagogie et d’instruction primaire*: “Até esses últimos anos, as faculdades de letras e de ciências tiveram sobretudo ouvintes. Elas agora têm numerosos alunos, graças a instituição dos bolsistas, dos mestres de conferência que fazem as lições práticas, e sobretudo graças ao zelo dos professores que transformaram seu ensino de maneira a serem úteis aos estudantes que buscam obter os graus”⁷⁰. Dumont faz talvez prova de otimismo quanto à rapidez das transformações e a implicação unânime dos professores nessa ação. Aspira, à exemplo do decano da Faculdade de letras de Toulouse, que recusa, em 1888, de se adaptar às novas modalidades de ensino e se sente rebaixado de posto de simples preparador na nova configuração. Mas, depois de setenta anos de tateamentos, a universidade sabe daqui por diante qual o público que ela deve servir: são os “estudantes que desejam obter os graus”.

⁶⁷ Louis Liard, *Universités et facultés*, *op. cit.*, p. 91.

⁶⁸ Circulaire pour l’exécution de l’arrêté du 5 novembre 1877 relatif au bourses d’enseignement supérieur (10 février 1878), *RLRES*, t. III, p. 175.

⁶⁹ Louis Liard, *Universités et facultés*, *op. cit.*, p. 91.

⁷⁰ Albert Dumont, verbete “Facultés”, in Ferdinand Buisson (dir.), *Dictionnaire de pédagogie et d’instruction primaire*, Paris, Hachette, 1882, 1ère partie, t. I, p. 983.

As reformas da 3ª República aparecem em definitivo como o resultado de um processo secular, que conduz à privilegiar a função de formação em detrimento de duas outras funções tradicionais das faculdades, que são a certificação e a vulgarização destinadas à elite social. Essa evolução, desejada desde a primeira metade do século por alguns professores, timidamente colocada em prática pelo Segundo Império (com as conferências de licenciatura em 1855 e a criação da Ephe em 1868), se depara até o fim do século com obstáculos fortes: importância dos usos sociais e políticos dos cursos da faculdade; apego a uma certa retórica professoral; indiferença da opinião às questões de formação. Só o sentimento de um atraso francês em relação às práticas germânicas permitiu a uma apertada elite universitária, ligada aos meios ministeriais, impor progressivamente uma renovação da doutrina oficial.

O presente trabalho procurou seguir as inflexões dessa doutrina e sua tradução regulamentar de 1808 à 1878, privilegiando um componente particular dos cursos, o público. Se essa aproximação aborda de maneira incidente os elementos considerados como essenciais - o professor, os saberes ensinados ou transmitidos - ela permite assinalar a importância dos fatores exteriores do mundo estritamente universitário na construção das representações, do conteúdo e do desenvolvimento dos cursos da faculdade no século 19.

BORIS NOGUÈS é pesquisador no Service d'Histoire de l'Éducation de l'INRP (Paris). Suas primeiras pesquisas foram sobre o corpo docente do ensino secundário e do superior francês, do século 17 ao 19. Atualmente, trabalha em uma releitura do funcionamento institucional, social e pedagógico das universidades e dos colégios de humanidades na França antes da Revolução de 1789.

Endereço: Service d'histoire de l'éducation/SHE. Rue d'Ulm, 45 - Paris - França - 75005.

E-mail boris.nogues@inrp.fr.

MARIA HELENA CAMARA BASTOS é professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS. Pesquisadora do CNPq. Bolsista Capes (2010-11) em estágio pós-doutoral no Service d'Histoire de l'Éducation de l'INRP (Paris-França).

Endereço: Rua Felicissimo de Azevedo, 770/601 - 90.540-110 - Porto Alegre - RS.

E-mail: mhbastos@pucrs.br.

Recebido em 5 de julho de 2010.

Aceito em 23 de outubro de 2010.